Alianças de Deus na Bíblia

Sumário

Introdução **3**

I. Edênica **5**

II. Adâmica **7**

III. Noaica **10**

IV. Abraâmica **12**

V. Mosaica **15**

VI. Aliança da Terra **25**

VII. Davídica **28**

VIII. Nova Aliança **31**

Conclusão **38**

Referências Bibliográficas **39**

Notas

Introdução

Na história do relacionamento de Deus com o homem, Deus fez oito alianças. Se quisermos conhecer o plano e a natureza de Deus, precisamos conhecer suas alianças. Precisamos entender como e em que condições Ele faz uma aliança com alguém. Precisamos estudar as alianças passadas e o caminho percorrido até aqui no relacionamento entre Deus e a humanidade. Assim, estaremos mais preparados para andar com Deus hoje, entrar em aliança com Ele, e participar do seu plano.

Quando duas pessoas querem fazer algo juntas de uma forma mais permanente, estabelecem um contrato com certas condições e requisitos, a fim de poderem continuar andando juntas. Uma aliança, então, é um contrato ou acordo solene entre duas partes que em geral é ratificado com o derramamento do sangue de um animal. A violação de uma aliança significa morte para quem a quebra. Isto é simbolizado pela morte do animal cujo sangue é usado para a ratificação.

A palavra hebraica para aliança é ***berith***, que também significa acordo, contrato, pacto. É acompanhada da palavra ***karath*** (cortar), que se refere ao corte cerimonial de animais. Usamos a expressão "fazer uma aliança", mas a expressão hebraica ***karath berith*** significa literalmente "cortar uma aliança".

A Bíblia é uma história de alianças. Uma aliança na Bíblia é simplesmente um conjunto de condições pelas quais Deus promete andar com seu povo. Ao estudarmos as oito alianças, vamos obter uma visão de águia, uma vista panorâmica de todo o plano de Deus. Assim veremos a Bíblia não como uma coletânea de ensinos, histórias e palavras disjuntas, mas como um plano unido e harmonioso que caminha para uma única consumação final.

Dois tipos de alianças

Há dois tipos de alianças na Bíblia: **condicionais** e **incondicionais**. Uma aliança condicional é um pacto bilateral em que uma proposta de Deus para o homem é caracterizada pela fórmula: "**Se você fizer... Eu farei...**" por meio do que Deus promete conceder ao homem bênçãos especiais desde que ele cumpra certas condições contidas na aliança. O fracasso humano em geral resulta em punição. Assim, a resposta do homem ao acordo proposto na aliança trará bênçãos ou maldições. As bênçãos são asseguradas pela obediência e o homem precisa satisfazer as condições para que Deus possa cumprir suas promessas. Das oito alianças bíblicas, duas são condicionais: a Aliança Edênica e a Mosaica.

Notas

Uma aliança incondicional é unilateral; é um ato soberano de Deus pelo qual Ele incondicionalmente obriga-se a transmitir bênçãos definidas para o povo da aliança. Este tipo de aliança é caracterizado pela fórmula: "**Eu farei...**" o que declara a determinação de Deus de fazer o que Ele promete. As bênçãos são asseguradas pela graça de Deus. Pode haver condições que devem ser cumpridas por gratidão, mas tais condições não são a base para que Deus cumpra suas promessas. Seis alianças são incondicionais: Adâmica, Noaica, Abraâmica, Aliança da Terra, Davídica e a Nova Aliança.

Notas

I. Aliança Edênica

Textos

GÊNESIS 1.28–30

"E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra. E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento. E a todos os animais da terra, e a todas as aves dos céus, e a todos os répteis da terra, em que há fôlego de vida, toda erva verde lhes será para mantimento. E assim se fez".

GÊNESIS 2.15–17

"Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás".

OSÉIAS 6.7

"Mas eles transgrediram a aliança, como Adão; eles se portaram aleivosamente contra mim".

Participantes

A Aliança Edênica foi firmada entre Deus e Adão, sendo este o representante de toda a raça humana. Assim, as ações de Adão são atribuídas a toda a humanidade.

O homem foi criado à imagem de Deus (1.27) a fim de poder ter comunhão, amizade com Ele. Não é possível ter comunhão com criaturas de natureza diferente. Em Gn 3.8 vemos que o costume de Deus era vir conversar com o homem no final da tarde. Era uma hora marcada, com um propósito definido de ter comunhão, de saber como foi o dia. Conversavam sobre o que estavam pensando ou o que tinham feito. Para que esta amizade fosse preservada, o homem precisaria permanecer na imagem de Deus.

Cláusulas

1. Propagar a raça e sujeitar a terra (1.28). O homem deveria ser o representante de Deus na terra e dominá-la como instrumento dele, não como um ser autossuficiente. O propósito de Deus era que o homem o expressasse pela sua imagem e o representasse pela sua autoridade. Sem estar na imagem de Deus, o homem não pode expressá-lo e nem exercer sua autoridade.

Notas

2. Alimentar-se de ervas e frutas (1.29, 30; 2.16). Esta era a alimentação dada por Deus tanto ao homem quanto aos animais. Não haveria guerra entre a criação. Nenhum sangue deveria ser derramado.

3. Cultivar e guardar o jardim (2.15). Mesmo em seu estado de perfeição o homem não deveria levar uma vida de puro sossego; o trabalho fazia parte da ética humana mesmo antes da queda. Contudo, o trabalho era fácil e a terra produzia facilmente. Não era pesado ou desagradável, mas uma atividade construtiva e prazerosa.

4. Abster-se de comer um único fruto (2.17a). Esta era a única ordem proibitiva em toda a Aliança Edênica e era o ponto em que a obediência do homem seria testada. Ele era livre para comer de todas as outras árvores do jardim, *exceto esta*. Este era o único teste para ver como o homem responderia à vontade de Deus; era um teste do reconhecimento e da submissão humana à vontade do Criador. O homem não deveria presumir que, pelo fato de ter recebido autoridade sobre a terra e sobre o reino animal, ele próprio era independente de Deus e isento da lei divina. A pergunta era: "Será que o homem (como fez Satanás antes dele) irá rejeitar o direito de Deus de governar e irá declarar-se independente?".

5. A penalidade pela desobediência: a morte (2.17b). O homem poderia escolher entre guardar ou não a aliança, mas a pena por não a guardar seria a morte.

Situação da Aliança

A Aliança Edênica foi a base para a **DISPENSAÇÃO* DA INOCÊNCIA** (Gn 2.25). O registro da quebra desta aliança é encontrado em Gênesis 3.1–8.

Satanás apareceu no jardim do Éden como uma criatura caída. Isto mostra que o homem não foi criado num universo perfeito, pois o pecado já estava presente. Embora não presente no homem, já estava presente em Satanás. Ele fez seu trabalho de tentar Eva nas mesmas áreas descritas em 1 João 2.16:

Gênesis 3.6	1 Jo 2.16
"Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer"	"a concupiscência da carne"
"agradável aos olhos"	"a concupiscência dos olhos"
"e árvore desejável para dar entendimento"	"a soberba da vida"

*__Dispensação__: período de tempo no qual o homem é testado em sua obediência a alguma revelação específica da vontade de Deus.

Notas

Ela cedeu à tentação e desobedeceu à única ordem negativa da aliança. Adão percebeu o que tinha acontecido e escolheu juntar-se à sua esposa em sua desobediência. A primeira reação deles foi tentar se esconder da presença de Deus o que apenas ilustrou a verdade de Gn 2.17. Naquele exato momento, o homem morreu espiritualmente e não poderia mais compartilhar a mesma comunhão com Deus que havia experimentado antes de sua desobediência. Com este ato, a Aliança Edênica, sendo condicional, chegou ao fim.

Na Aliança Edênica vemos o propósito original de Deus para a humanidade. Embora não realizado naquele tempo por causa da queda, este propósito é o alvo imutável de Deus e será realizado. Haverá uma expressão da imagem de Deus na terra através do homem, e isto trará o governo de Deus.

II. Aliança Adâmica

Texto

GÊNESIS 3.14–19

"Então, o SENHOR Deus disse à serpente: Visto que isso fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos e o és entre todos os animais selváticos; rastejarás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias da tua vida. Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará. E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo. No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás".

Participantes

Deus e Adão estão envolvidos nesta aliança em que, novamente, Adão é o representante de toda a raça humana. Assim, o julgamento de Adão é o julgamento de toda a humanidade.

Cláusulas

A primeira aliança foi quebrada e a segunda, agora, é uma aliança bastante negativa. A primeira foi quase toda positiva, cheia de luz, comunhão com Deus e um jardim em perfeição. Havia apenas uma lei que, uma vez quebrada, trouxe a morte. A segunda aliança foi repleta de coisas negativas, já que seu propósito era condicionar a vida do homem caído. Ela condicionava o que teria de permanecer até que, na DISPENSAÇÃO DO REINO, a própria criação seja "redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus" (Rm 8.21).

Notas

Porém, apesar de tudo isso, esta aliança tem algo muito importante que é a primeira promessa do Salvador. A primeira aliança tinha uma lei com suas consequências de morte, mas a segunda aliança tem a promessa da graça que viria para solucionar o problema da lei e da morte.

Deus se dirige individualmente à serpente, a Satanás, à Eva e a Adão.

1. Serpente (3.14):

- "Maldita és entre todos os animais". Todas as criaturas agora estão debaixo de maldição, mas há uma maldição especial sobre a serpente.
- "Rastejarás sobre o teu ventre" indica que, originalmente, a serpente se movimentava numa posição ereta.
- "E comerás pó todos os dias da tua vida". Alguns críticos da Bíblia têm apontado isto como um erro das Escrituras já que répteis não comem pó. No entanto, trata-se de uma expressão idiomática hebraica que significa ser amaldiçoado de modo especial (Mq 7.17). A maldição persistirá sobre a serpente mesmo no Reino Messiânico (Is 65.25).

2. Satanás (3.15):

- Haveria inimizade perpétua entre Satanás e a mulher.
- Satanás feriria o "calcanhar" do Descendente da mulher; isto aconteceu na cruz.
- Mas o Descendente da mulher esmagaria a cabeça de Satanás. Isto aconteceu inicialmente por ocasião da morte e ressurreição de Cristo (Hb 2.14, 15). Mas o esmagamento final de Satanás ocorrerá no futuro (Rm 16.20), quando ele for lançado no lago de fogo (Ap 20.10).

  Embora a norma bíblica seja traçar a genealogia através da árvore do homem, esta exceção em relação ao Messias seria confirmada séculos mais tarde quando o profeta Isaías revelou que Ele nasceria de uma virgem (Is 7.14).

3. Mulher (3.16):

- Haveria sofrimentos durante a gravidez e, em especial, no momento de dar à luz. (Contudo, uma vez que o nascimento ocorre, há alegria – Jo 16.21.)
- A mulher estaria em sujeição ao seu marido. Isto já era verdade antes da queda, mas o elemento novo era que ela teria um desejo de se rebelar contra esta sujeição e tentar governar sobre seu marido. Por outro lado, a natureza caída do homem o levaria a abusar de sua autoridade sobre a mulher.

Notas

4. Homem (3.17–19)

- "Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore...". Adão é o representante de toda a raça humana; seu julgamento é o julgamento de toda a humanidade. É Adão, e não Eva, quem é responsabilizado pela condição humana.

- "Maldita é a terra por tua causa". O trabalho já havia sido introduzido na Aliança Edênica. A diferença estaria na resposta da terra. Sob a Aliança Edênica, a terra teria respondido facilmente quando lavrada. Sob a Aliança Adâmica, haveria espinhos e ervas daninhas. O trabalho agora seria marcado por suor e fadiga.

- "E tu comerás a erva do campo". A dieta do homem continua vegetariana; não está claro se o mesmo é verdade para o reino animal. Os animais seriam usados na produção de laticínios, roupas e em sacrifícios, mas não na alimentação.

- "Até que tornes à terra... porque tu és pó e ao pó tornarás" (comp. Rm 5.12). A morte física é introduzida. Sob a Aliança Adâmica o homem fica condicionado a morrer. Até agora houve apenas duas exceções a esta regra: Enoque e Elias. Haverá outros no futuro por ocasião do Arrebatamento.

Situação da Aliança

A Aliança Adâmica foi a base para a **DISPENSAÇÃO DA CONSCIÊNCIA**. Sendo uma aliança incondicional, permanece em vigor ainda hoje.

O conhecimento do bem e do mal corrompeu a inocência do homem e sua dependência e comunhão com Deus. Este é o problema de todo homem natural até hoje. Por causa disso, Deus proibiu o homem de comer da árvore da vida a fim de não perpetuar seu estado caído (3.22–24). As duas árvores não podem alimentar o homem ao mesmo tempo. Se ele quiser comer da árvore do conhecimento do bem e do mal não pode ter vida. Se escolher o conhecimento, então terá que comer só desta árvore, e não da árvore da vida.

Notas

III. Aliança Noaica

Texto

GÊNESIS 9.1–17

"Abençoou Deus a Noé e a seus filhos e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra. Pavor e medo de vós virão sobre todos os animais da terra e sobre todas as aves dos céus; tudo o que se move sobre a terra e todos os peixes do mar nas vossas mãos serão entregues. Tudo o que se move e vive ser-vos-á para alimento; como vos dei a erva verde, tudo vos dou agora. Carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis. Certamente, requererei o vosso sangue, o sangue da vossa vida; de todo animal o requererei, como também da mão do homem, sim, da mão do próximo de cada um requererei a vida do homem. Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu; porque Deus fez o homem segundo a sua imagem. Mas sede fecundos e multiplicai-vos; povoai a terra e multiplicai-vos nela. Disse também Deus a Noé e a seus filhos: Eis que estabeleço a minha aliança convosco, e com a vossa descendência, e com todos os seres viventes que estão convosco: tanto as aves, os animais domésticos e os animais selváticos que saíram da arca como todos os animais da terra. Estabeleço a minha aliança convosco: não será mais destruída toda carne por águas de dilúvio, nem mais haverá dilúvio para destruir a terra. Disse Deus: Este é o sinal da minha aliança que faço entre mim e vós e entre todos os seres viventes que estão convosco, para perpétuas gerações: porei nas nuvens o meu arco; será por sinal da aliança entre mim e a terra. Sucederá que, quando eu trouxer nuvens sobre a terra, e nelas aparecer o arco, então, me lembrarei da minha aliança, firmada entre mim e vós e todos os seres viventes de toda carne; e as águas não mais se tornarão em dilúvio para destruir toda carne. O arco estará nas nuvens; vê-lo-ei e me lembrarei da aliança eterna entre Deus e todos os seres viventes de toda carne que há sobre a terra. Disse Deus a Noé: Este é o sinal da aliança estabelecida entre mim e toda carne sobre a terra".

Participantes

Esta aliança foi feita entre Deus e Noé. Como Adão, Noé é o representante de toda a raça humana. Como resultado do dilúvio a humanidade descendeu não apenas de Adão, mas também de Noé.

Cláusulas

Depois da Aliança Adâmica, a humanidade se aprofundou cada vez mais no pecado e suas consequências. Quando atingiu um ponto máximo de desenvolvimento (Gn 6.1–4), Deus não suportou mais e resolveu mandar um dilúvio para destruir o homem. Apenas Noé e sua família foram salvos, pois ele "achou graça aos olhos do Senhor" (6.8). Depois do dilúvio, Deus firmou uma aliança com Noé. Esta aliança reafirma as condições de vida do homem caído conforme determinado pela Aliança Adâmica e institui o princípio do governo humano para reprimir a expansão do pecado, uma vez que a ameaça do juízo divino na forma de outro dilúvio havia sido removida.

Notas

1. Repovoar a terra (9.1, 7). No entanto, a ordem de subjugar a terra não é repetida. Com a queda, o homem perdeu sua autoridade e Satanás a usurpou. Assim, ele se tornou o "príncipe deste mundo" (Jo 12.31) e o "deus deste século" (2 Co 4.4). Satanás passou a ter autoridade sobre todos os reinos do mundo e podia oferecê-la a quem quisesse. Ele fez esta oferta ao Descendente da mulher, Jesus, mas Ele não a aceitou de suas mãos (Lc 4.6).

2. Medo do homem foi posto nos animais e o homem os dominaria (9.2). Embora o homem tivesse perdido a autoridade sobre a terra, ainda dominaria sobre o reino animal. O medo posto nos animais era um meio de preservar o homem devido à próxima cláusula.

3. Os animais são incluídos na alimentação (9.3). Não há quaisquer restrições no texto, o que indica que todos os animais poderiam ser usados para alimento. Deus concedeu isso ao homem, mas era um sintoma de sua condição e do clima que iria reinar na criação. Agora haveria inimizade, medo e guerra entre homem e animal, entre animal e animal e entre homem e homem.

4. Proibição de comer sangue (9.4). Deus deu a carne para o homem comer, mas não o sangue porque nele está a vida. Deus não queria que o homem recebesse a vida dos animais.

5. O homem se torna responsável pela proteção da vida humana através de um governo ordeiro sobre o indivíduo (9.5, 6; comp. Rm 13.1–7). A pena capital é introduzida para restringir a violência. Depois de ter matado seu irmão Abel, Caim não foi morto porque a pena capital ainda não havia sido instituída. Esta veio com a Aliança Noaica e todos os assassinos deveriam ser executados.

6. Promessa de que a raça humana não seria mais destruída por um dilúvio (9.8–11). Isto mostra que a Aliança Noaica era universal, não local. No futuro, haverá a destruição do presente sistema mundial; contudo, isso não se dará por meio de um dilúvio universal, mas por fogo (2 Pe 3.7). O dilúvio foi uma figura da destruição futura do mundo, mas não mudou o coração do homem.

7. O sinal da aliança: o arco-íris (9.12–17). Nem todas as alianças vinham acompanhadas de um sinal, mas esta veio. Esta foi a primeira vez na história que o arco-íris apareceu no céu. Assim, a promessa de Deus de não voltar a destruir a humanidade por meio de um dilúvio deveria ser lembrada todas as vezes que o arco-íris fosse visto.

Notas

Situação da Aliança

A Aliança Noaica se tornou a base para a **DISPENSAÇÃO DO GOVERNO HUMANO**. Embora esta Dispensação tenha terminado, a Aliança Noaica é incondicional e, portanto, permanece em vigor.

Esta também é uma aliança bastante negativa. A primeira aliança mostra a situação original do homem, os privilégios, direitos e condições que Deus tinha para ele. A segunda e a terceira mostram como Deus tratou com a entrada do pecado no mundo, como a humanidade caiu progressivamente e as condições que Deus colocou sobre ela em consequência de seu estado. Tudo isso, embora negativo e triste, precisa ser entendido antes de começarmos a ver o plano de Deus para restaurar o homem.

IV. Aliança Abraâmica

Textos

GÊNESIS 12.1–3

"Ora, disse o SENHOR a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra".

GÊNESIS 2.7

"Apareceu o SENHOR a Abrão e lhe disse: Darei à tua descendência esta terra. Ali edificou Abrão um altar ao SENHOR, que lhe aparecera".

GÊNESIS 13.14–17

Disse o SENHOR a Abrão, depois que Ló se separou dele: Ergue os olhos e olha desde onde estás para o norte, para o sul, para o oriente e para o ocidente; porque toda essa terra que vês, eu ta darei, a ti e à tua descendência, para sempre. Farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que, se alguém puder contar o pó da terra, então se contará também a tua descendência. Levanta-te, percorre essa terra no seu comprimento e na sua largura; porque eu ta darei.

GÊNESIS 22.15–18

"Então, do céu bradou pela segunda vez o Anjo do SENHOR a Abraão e disse: Jurei, por mim mesmo, diz o SENHOR, porquanto fizeste isso e não me negaste o teu único filho, que deveras te abençoarei e certamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e como a areia na praia do mar; a tua descendência possuirá a cidade dos seus inimigos, nela serão benditas todas as nações da terra, porquanto obedeceste à minha voz".

(Ver também **GÊNESIS 15** e **17.1–22**.)

Notas

Participantes

Deus e Abraão estão envolvidos nesta aliança, na qual Abraão é o representante da futura nação judaica. Já vimos que as primeiras três alianças tratam da humanidade em declínio e como um todo. A partir da quarta aliança, Deus trata com um povo especial e começa a fase ascendente do seu plano para que a comunhão entre Ele e o homem fosse progressivamente restaurada.

Cláusulas

Uma lista a partir das passagens citadas mostra um total de quatorze cláusulas com promessas para Abraão, para a sua descendência (Israel) e para os gentios. O fato de que essas promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência mostra que algumas delas ainda não tiveram cumprimento pleno, mas aguardam pelo Reino Messiânico.

1. Uma grande nação se formaria a partir de Abraão, a nação de Israel (Gn 12.2a; 13.16; 15.5; 17.2; 22.17).

2. Promessa de uma terra — a terra de Canaã (12.4–7).

3. O próprio Abraão seria grandemente abençoado (12.2b).

4. O nome de Abraão seria grande (12.2c). (Isto é verdade hoje entre judeus, muçulmanos e cristãos.)

5. Abraão seria uma bênção para outros (12.2d).

6. Aqueles que abençoassem Abraão e seus descendentes seriam abençoados (12.3a).

7. Aqueles que amaldiçoassem Abraão e seus descendentes seriam amaldiçoados (12.3b).

8. Em Abraão todas as nações da terra seriam abençoadas (12.3c; 22.17, 18).

9. Abraão teria um filho de sua esposa Sara (15.1–4; 17.16–21).

10. Seus descendentes seriam escravos no Egito (15.13, 14).

11. Outras nações, além de Israel, também nasceriam a partir de Abraão. Os estados árabes são algumas dessas nações. Muitos de seus descendentes se tornariam reis, judeus e não judeus (17.4–6).

12. Seu nome é trocado de *Abrão*, "pai exaltado", para *Abraão*, "pai de muitas nações" (17.5).

13. O nome de sua esposa é trocado de *Sarai*, "minha princesa", para *Sara* , "a princesa" (17.15).

Notas

14. O sinal da aliança: a circuncisão (17.9–14). A circuncisão indicava que esta era uma aliança de sangue e enfatizava assim sua solenidade. Outros povos do antigo Oriente Próximo já a praticavam por ocasião do nascimento ou puberdade. No entanto, havia uma particularidade na circuncisão da Aliança Abraâmica: era um símbolo externo ou visível de estar em aliança com Deus. Paulo explica o significado da circuncisão para a Nova Aliança em Rm 2.28, 29 e Cl 2.11, 12. Hoje a circuncisão é feita no interior, pelo Espírito Santo, e envolve o despojamento das obras da carne. Significa morrer e ressuscitar com Cristo, o que é simbolizado pelo batismo.

Base para Outras Alianças

Reduzindo a Aliança Abraâmica à sua base, podemos dizer que ela contém três aspectos: o aspecto da **TERRA**, o aspecto da **DESCENDÊNCIA** e o aspecto da **BÊNÇÃO**. O aspecto da terra será tratado na Aliança da Terra. O aspecto da descendência será tratado na Aliança Davídica e, o aspecto da bênção, na Nova Aliança.

Confirmação da Aliança

A Aliança Abraâmica foi confirmada a Isaque (Gn 26.2–5, 24), a Jacó (Gn 28.13–15 e, por fim, a todos os filhos de Jacó que deram origem às doze tribos de Israel (Gn 49).

Situação da Aliança

Algumas cláusulas da Aliança Abraâmica não se cumpriram imediatamente. Por exemplo, houve uma espera de 25 anos até o nascimento de Isaque e mais de 400 anos até a conquista da terra prometida. Algumas ainda aguardam cumprimento num futuro profético, como o estabelecimento definitivo da terra para Israel.

A Aliança Abraâmica se tornou a base para a **DISPENSAÇÃO DA PROMESSA**. Por ser uma aliança incondicional, ainda está em vigor, apesar do que ainda aguarda cumprimento. Foi a base para o Êxodo, para a propriedade da terra, para a sobrevivência dos judeus apesar de sua desobediência e para a vinda do Messias. Também é a base para a futura redenção e restauração final de Israel.

A aliança com Abraão prefigurava a Nova Aliança. Em Gênesis 15.5, 6 (comp. Gl 3.5–9), Abraão é justificado por sua fé. Aproximadamente dois mil anos antes da Nova Aliança, Abraão viveu o princípio mais central da graça de Deus — a justificação pela fé. A frase "ele creu no Senhor", no hebraico, significa literalmente "ele se apoiou sobre Jeová". Era mais que aceitar intelectualmente a promessa — refere-se a confiar incondicionalmente na pessoa de Deus e em sua promessa. Abraão colocou sua pessoa e seu futuro nas mãos de Deus.

Notas

No capítulo 14, "Melquisedeque, rei de Salém, trouxe **pão** e **vinho**; era sacerdote do Deus Altíssimo" (v. 18). Melquisedeque, um rei e sacerdote, vem para servir o primeiro crente com pão e vinho, figuras da ceia do Senhor, a carne e o sangue de Jesus. Melquisedeque era uma figura de Cristo, pois era um sacerdote que não descendeu da linhagem levítica, e era rei ao mesmo tempo (Hb 7.1–3). Isso tudo é mais significativo ainda por vir antes da Aliança Mosaica e do sacerdócio levítico.

No capítulo 22, muitos detalhes do sacrifício de Isaque espelham eventos da morte e ressurreição de Jesus (Hb 11.17–19). O Senhor disse a Abraão: "Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei" (v. 2). Este versículo oferece um paralelo com a entrega que Deus, o Pai, fez de Jesus, seu Filho Unigênito. Acredita-se que o monte na terra de Moriá seja a mesma colina em Jerusalém em que o templo veio a ser construído e onde Israel oferecia seus sacrifícios. O sacrifício de Isaque foi voluntário (vv. 3–5), tal como o de Jesus (Jo 10.17, 18). A disposição de Abraão em sacrificar Isaque e a provisão de um cordeiro (vv. 6-14) retratam o sacrifício que Cristo fez definitivamente por nossos pecados (Jo 1.29; Hb 10.12). Na Aliança Mosaica veremos qual foi o propósito da Lei, mas é essencial notar que, em figura, a Nova Aliança veio antes.

V. Aliança Mosaica

Textos

ÊXODO 20 — DEUTERONÔMIO 28.

Participantes

As partes envolvidas nesta aliança são Deus e Israel. Esta aliança foi feita com o povo de Israel e não meramente com Moisés atuando como representante da nação. Isto é claramente apresentado em Êxodo 19.3–8:

> "Subiu Moisés a Deus, e do monte o SENHOR o chamou e lhe disse: Assim falarás à casa de Jacó e anunciarás aos filhos de Israel: Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia e vos cheguei a mim. Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel. Veio Moisés, chamou os anciãos do povo e expôs diante deles todas estas palavras que o SENHOR lhe havia ordenado. Então, o povo respondeu à uma: Tudo o que o SENHOR falou faremos. E Moisés relatou ao SENHOR as palavras do povo".

A aliança não foi feita com os gentios ou com a Igreja, mas somente com Israel, o que também é destacado em Dt 4.7, 8; Sl 147.19, 20 e Ml 4.4.

Notas

Cláusulas

A cláusula fundamental na Aliança Mosaica era a Lei de Moisés, marcada e selada pela Glória Shekina em Êxodo 24.1–11, e que continha um total de 613 mandamentos. Portanto, na prática, há 613 cláusulas na aliança, o que é muito para ser relacionado aqui. Em vez disso, faremos sete observações com respeito às cláusulas da Aliança Mosaica.

1. A Totalidade da Lei

Como foi dito, havia um total de 613 mandamentos específicos e não apenas dez, o que é um mal-entendido muito comum. Destes, 365 eram mandamentos negativos (coisas que eram proibidas); os outros 248 eram positivos (coisas que deveriam ser feitas).

2. Bênçãos e Maldições

Esta era uma aliança condicional, o que significava que haveria bênçãos pela obediência e maldições pela desobediência (Ex 15.26; 19.3–8, comp. Dt 28).

3. O Sacrifício de Sangue

O elemento-chave de toda a Lei era o sacrifício de sangue, apresentado em Levítico 17.11: "Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida".

Havia cinco ofertas diferentes detalhadas em Levítico 1–7. A palavra hebraica para expiação não significa a remoção do pecado, mas uma mera cobertura. Embora o sangue de animais cobrisse os pecados no Antigo Testamento, nunca foi capaz de removê-los; somente o sangue de Cristo é capaz de remover pecados (Hb 10.1–12). Contudo, o sacrifício de sangue provia o perdão dos pecados e a restauração da comunhão.

4. Restrições na Dieta

Para os judeus, esta aliança restringia a alimentação definida na Aliança Noaica. Os animais permitidos seriam os de casco fendido e dividido em duas unhas e que ruminavam; os peixes deveriam ter barbatanas e escamas; quanto às aves, nenhuma ave de rapina seria permitida; e quanto a insetos, apenas um tipo de gafanhoto seria permitido (Levítico 11).

5. Pena Capital Ampliada

Além de assassinato, a pena de morte passaria a ser aplicada também a outros pecados como idolatria, adultério, amaldiçoar a Deus, amaldiçoar os pais, violar o Sábado, praticar feitiçaria, dentre outros.

Notas

6. A CIRCUNCISÃO

A prática da circuncisão é reafirmada (Lv 12.3), mas não pelas mesmas razões. Sob a Aliança Abraâmica, a circuncisão era o sinal da aliança e era obrigatória somente para os judeus. Sob a Aliança Mosaica, a circuncisão indicava submissão à Lei de Moisés e era obrigatória para todos os judeus, e também para os gentios que quisessem se tornar parte da Comunidade de Israel. É por isso que Paulo advertiu os gálatas cristãos que, se eles se submetessem à circuncisão, estariam obrigados a guardar *toda a lei*, e não apenas um único mandamento (Gálatas 5.3).

7. O SINAL DA ALIANÇA

O sinal da Aliança Mosaica era o Sábado. Portanto, era um sinal entre Deus e Israel — um sinal de que Israel havia sido separado por Deus (Ex 31.12–17); era um sinal do Êxodo (Dt 5.12–15), e também um sinal de que Jeová era o Deus de Israel (Ez 20.20). A guarda do Sábado indicava que o povo estava sendo fiel à aliança com Deus.

Embora a ordenança do Sábado esteja associada ao sétimo dia da criação, é importante notar que ela não foi dada na criação; começou somente com Moisés. Gênesis 2.1–3 declara apenas o que Deus fez naquele dia, mas não há um mandamento para que o dia (chamado apenas de "sétimo dia") seja guardado. De Adão a Moisés não há registro de qualquer pessoa guardando o Sábado. Embora Deus tenha dado várias ordenanças para o homem nas alianças anteriores, guardar o Sábado não era uma delas. A observância do Sábado começa com Moisés em Êxodo 16.23–30 e se tornou parte da Lei no capítulo 20.8–11.

Em hebraico, a palavra Sábado é ***Shabbat*** que significa: cessar ou descansar. Era para ser um dia de descanso de todo trabalho (ver Ex 16.23–30; Ex 35.3; Nm 15.32–36; Ne 10.31; 13.15–21; Jr 17.21, 22) e um dia para ser "santificado" (Ex 20.8), isto é, dedicado à renovação espiritual e à adoração a Deus (Lv 23.3). Este era o propósito do Sábado. O Dr. Louis Goldberg do Instituto Bíblico Moody afirma: "No Sábado deveria haver descanso físico completo e santa convocação (renovo espiritual) diante do Senhor". Embora não fosse um dia de total inatividade, devia prover um refrigério do trabalho regular dos outros seis dias. O próprio descanso era um ato de adoração. A penalidade por profanar o Sábado era a morte; profanar o Sábado era considerá-lo como outro dia qualquer.

Notas

Propósitos da Lei

Deve ser dito categoricamente que a Lei de Moisés não era um meio de salvação. Isto faria com que a salvação fosse por obras. A salvação era e sempre será pela graça, por meio da fé. Embora o conteúdo da fé tenha sido ampliado de uma época para outra de acordo com a revelação progressiva, o meio de salvação nunca mudou. A Lei não foi dada para servir como um meio de salvação (Rm 3.20, 28; Gl 2.16; 3.11, 21). Foi dada a um povo que *havia sido redimido* do Egito, não para *redimi-lo*. Entretanto, havia vários propósitos para a Lei. Conforme vemos nos dois testamentos, houve pelo menos nove propósitos para a Lei de Moisés, que podem ser divididos em cinco aspectos:

EM RELAÇÃO A DEUS

❑ Revelar a santidade de Deus e o padrão de justiça exigido para um correto relacionamento com Ele (Lv 11.44, 45; 19.1, 2, 37; 1 Pe 1.15, 16). A própria Lei era *santa, justa* e *boa* (Rm 7.12).

EM RELAÇÃO A ISRAEL

❑ Prover uma regra de conduta para os crentes do Antigo Testamento (Lv 19.1, 2, 37; 20.7, 8, 26). Para eles, a Lei era o centro de sua vida espiritual e seu deleite (Salmo 119.70, 72, 77, 97, 103, 104, 159).

❑ Prover ocasiões para adoração individual e coletiva do povo de Israel (Lv 23).

❑ Fazer dos judeus um povo distinto (Ex 19.5–8; Lv 19.1, 2, 37; Dt 7.6; 14. 2). Esta era a razão específica para muitas leis, tais como as que tratavam da dieta e das vestimentas. Os judeus deveriam ser distintos de todos os outros povos em diversos aspectos, tais como seus hábitos de adoração (Lv 1, 7, 16, 23), hábitos alimentares (Lv 11), hábitos sexuais (Lv 12, 15), hábitos de vestuário (Lv 19.19c) e até no modo de cortar a barba (Lv 19.27).

EM RELAÇÃO AOS GENTIOS

❑ De acordo com Efésios 2.11–16, a Lei servia como uma parede de separação entre judeus e gentios. Deus fez quatro alianças incondicionais com o povo de Israel. Todas as bênçãos de Deus, materiais e espirituais, são mediadas por essas quatro "alianças da promessa". Deus também fez uma aliança condicional e temporária, a Aliança Mosaica que continha a Lei de Moisés, "a lei dos mandamentos na forma de ordenanças" (v. 15). Paulo afirma que os gentios eram "separados da comunidade de Israel" e "estranhos às alianças da promessa" (v. 12). Portanto, a única maneira pela qual os gentios podiam desfrutar as bênçãos espirituais das alianças judaicas durante o período da Lei era tomando sobre si a obrigação de guardá-la, passar pela circuncisão e viver como todo judeu deveria viver. Gentios, como tais, não podiam desfrutar as bênçãos espirituais dos judeus.

Notas

EM RELAÇÃO AO PECADO

❑ O sexto propósito da Lei Mosaica era revelar o pecado. Três passagens de Romanos falam sobre isso. A primeira é Romanos 3.19, 20 onde lemos que não há justificação pela Lei. Por meio da Lei ninguém será justificado. Para que serve então a Lei, se não é um meio de justificação ou salvação? A Lei foi dada para prover o conhecimento do pecado, para revelar exatamente o que é pecado. No capítulo 5, verso 20, Paulo afirma que a Lei foi dada para que as transgressões fossem "ressaltadas". Como alguém pode saber que pecou? É porque a Lei detalhou o que era permitido e o que não era. A Lei com seus 613 mandamentos revelou o pecado. A terceira passagem é Romanos 7.7. Paulo novamente enfatiza que a Lei foi dada para que o pecado se tornasse conhecido. Ele se tornou consciente de seu estado pecaminoso olhando para Lei e sabendo que, com base nela, estaria sempre em falta. John Bunyan afirmou: "Quem não conhece a natureza da Lei também será incapaz de discernir a natureza do pecado".

❑ Além de definir o pecado, a Lei também revelou sua malignidade. Isso é explicado por Paulo em Romanos 5.20, 7.7–13 e 1 Co 15.56. Esta última diz: "O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei". Basicamente, o que Paulo ensina é que a natureza do pecado usa a Lei como base de operação. Quando Paulo disse em 4.15 "onde não há lei, também não há transgressão" ele não estava dizendo, é claro, que não havia pecado antes da Lei. O termo transgressão é um tipo específico de pecado, é a violação de um mandamento específico. Os homens eram pecadores antes da Lei, mas não transgressores da Lei até que ela veio. Depois que a Lei foi dada, a natureza do pecado tinha uma base de operação, fazendo o homem violar estes mandamentos e pecar ainda mais.

EM RELAÇÃO AO PECADOR

❑ Mostrar ao pecador que não havia nada que ele pudesse fazer por si mesmo para agradar a Deus; ele não tinha a habilidade de guardar a Lei perfeitamente ou de atingir o padrão de justiça da Lei (Rm 7.14–25). Certa vez, John Wesley disse: "Diante dela (a Lei), o pecador fica desnudo, todas as folhas de figueira lhe são tiradas, e ele passa a se ver como realmente é: pobre e miserável, cego e nu. A Lei lança acusações de todos os lados. A pessoa que a ela é exposta se sente um pobre pecador, nada mais tem a oferecer. Sua boca se cala e ele fica solitário e culpado diante de Deus".

❑ Isto leva ao nono propósito que era guiar o homem à fé de acordo com Romanos 8.1–4; 10.4 e Gálatas 3.24, 25. O propósito fundamental da Lei era levar o homem à fé salvadora em Jesus Cristo.

Situação da Aliança

A Aliança Mosaica foi a base para a **DISPENSAÇÃO DA LEI**. Foi a única aliança judaica condicional e foi anulada com a morte de Cristo. Portanto, a Aliança Mosaica não está mais em vigor. Profeticamente, já havia sido considerada quebrada mesmo antes da morte do Messias (Jr 31.32). A situação da Aliança Mosaica será discutida nos pontos que se seguem:

Notas

1. A UNIDADE DA LEI

Dois fatores têm se desenvolvido nas mentes e nos ensinamentos de muitos cristãos e contribuído para a confusão sobre a Lei de Moisés. Um é a prática de dividir a Lei em mandamentos "cerimoniais", "legais" e "morais". Com base nesta divisão, muitos chegaram a pensar que o cristão está livre dos mandamentos cerimoniais e legais, mas ainda está sujeito aos mandamentos morais. O segundo fator é a crença de que os Dez Mandamentos continuam em vigor enquanto os outros 603 não. Precisamos entender que a Lei é vista nas Escrituras como uma unidade. A palavra *Torá*, que significa lei, instrução ou doutrina, é sempre singular quando aplicada à Lei Mosaica, embora seja um código de leis formado por 613 disposições, ordens e proibições. A divisão da Lei de Moisés em 3 áreas: cerimonial, legal e moral é conveniente para o estudo dos diferentes tipos de mandamentos, mas a Lei nunca é dividida desse modo nas Escrituras. Todos os 613 mandamentos formam uma unidade — a Lei de Moisés. É este princípio que está por trás da declaração encontrada em Tiago 2.10: "Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos".

O ensinamento é claro: uma pessoa precisa quebrar apenas *um* dos 613 mandamentos para ser culpada de quebrar *toda* a Lei de Moisés. Isto só pode ser verdadeiro se a Lei for uma unidade. Se não for assim, a culpa recai somente no que diz respeito ao mandamento específico violado, não no tocante a toda a Lei. Em outras palavras, quando alguém quebra um mandamento legal, é culpado de quebrar também os outros mandamentos legais, bem como os morais e cerimoniais. O mesmo é verdade se for violado um mandamento moral ou cerimonial. Por exemplo, se uma pessoa comer porco, de acordo com a Lei, ela é culpada de violar os Dez Mandamentos, embora nenhum deles fale qualquer coisa sobre carne de porco. A Lei é uma unidade que não pode ser dividida em partes que foram anuladas e partes que ainda estão em vigor. Nem tampouco alguns mandamentos podem ser separados e receber um "*status*" diferente dos demais.

2. O SÁBADO

O segundo ponto quanto à situação da Aliança Mosaica é o fato de que o Sábado era o sinal, o selo da aliança. Enquanto a aliança estivesse em vigor, o Sábado deveria ser rigorosamente observado. Visto que a Lei de Moisés se tornou inoperante, este mandamento não se aplica mais. Aqueles com sua ideia inconsistente de que a Lei de Moisés ainda está em vigor, também insistem em guardar o Sábado. Contudo, ignoram totalmente o que Moisés escreveu sobre como guardá-lo e até mudam o dia da semana, algo que a Lei de Moisés não permitia. Muitos judeus cristãos também insistem na guarda obrigatória do Sábado. Embora eles embasem isso de modo inconsistente na Lei de Moisés, ao menos o observam no sétimo dia da semana. A apologética usada para a guarda obrigatória do Sábado é baseada quase que exclusivamente no Antigo Testamento por razões óbvias — não existe qualquer mandamento no Novo Testamento para que os crentes em geral ou os crentes judeus em particular guardem o Sábado (Rm 14.5; Cl 2.16).

Notas

A reivindicação de que guardar o Sábado é parte da Nova Aliança não é sustentada por quaisquer passagens relativas à Nova Aliança. De fato, se houvesse algum texto, o ensinamento contido diria o oposto.

3. MATEUS 5.17–19

"Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra. Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus". Nada na Lei poderia ser anulado até que fosse cumprido. A raça humana estava esperando por um Homem que pudesse cumprir a Aliança Mosaica, para que então a Nova Aliança pudesse ser instituída. Jesus veio para cumprir a Lei. Uma vez cumprida, foi anulada (ver Gl 3.13; 4.4–6).

A Lei de Moisés não cessou com a vinda de Cristo ou durante a sua vida, mas no momento da sua morte. Enquanto Ele estava vivo, estava sob a Lei Mosaica e tinha de ensinar e cumprir cada mandamento aplicável a Ele, não da forma como os rabinos os haviam interpretado. A declaração de Mateus 5.17–19 foi feita enquanto Jesus estava vivo. Mesmo em vida, Jesus sugeriu que a Lei haveria de cessar. Um exemplo está em Marcos 7.19: "E, assim, considerou ele puros todos os alimentos".

A palavra grega para "cumprir" é consistentemente usada por Mateus no sentido de profecias cumpridas e, portanto, encerradas. Mateus 1.22, 23 declara que a profecia de Isaías 7.14 foi *cumprida*, que o nascimento de Cristo encerrou aquela profecia e, portanto, nada no futuro irá cumpri-la. Em Romanos 10.4, Paulo diz: "Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê". Cristo é o fim e o cumprimento da Lei. Portanto, fica claro que a Lei cessou com a morte de Cristo e não pode operar a justificação ou santificação do cristão.

4. A LEI DE MOISÉS SE TORNOU INOPERANTE

O ensinamento claro do Novo Testamento é que a Lei de Moisés se tornou inoperante com a morte de Cristo; em outras palavras, a Lei, em sua totalidade, não possui mais autoridade sobre qualquer indivíduo. Isto é evidenciado em diversas passagens:

GÁLATAS 3.10, 13: "Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las... Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro)". A Lei era um "**ministério de morte**" e de "**condenação**" (2 Co 3.7, 9). Permanecer sob a Lei é colocar-se debaixo de maldição.

Notas

GÁLATAS 3.19: "Qual, pois, a razão de ser da lei? Foi adicionada por causa das transgressões, até que viesse o descendente a quem se fez a promessa". A Lei não foi dada como um ministério permanente, mas temporário. Neste contexto, Paulo declara que a Lei de Moisés foi uma adição à Aliança Abraâmica (vv. 15–18). Ela foi acrescentada com o propósito de tornar o pecado claro o bastante para que todos soubessem que estão aquém do padrão de justiça de Deus. Foi uma adição temporária até que viesse o Descendente, Jesus; agora que Ele já veio, a Lei foi anulada. Com a cruz, o que era uma adição, deixou de operar.

GÁLATAS 3.23–25. "Mas, antes que viesse a fé, estávamos sob a tutela da lei e nela encerrados, para essa fé que, de futuro, haveria de revelar-se. De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé. Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio". Neste texto, a Lei é descrita como um tutor que cuida de um menor a fim de conduzi-lo a uma fé madura em Cristo. Havendo-se tornado cristão, ele não está mais sob o controle do tutor, que é a Lei. De uma forma muito clara, esta passagem ensina que com a vinda de Jesus a Lei não está mais em vigor.

GÁLATAS 4.4, 5: "Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos". Neste texto, a palavra grega para resgatar é *exagorazo*, que significa *resgatar*, em especial, *comprar um escravo tendo em mente libertá-lo*. Aqueles que estavam sob a Lei eram escravos da Lei.

GÁLATAS 4.21–31: "Dizei-me vós, os que quereis estar sob a lei: acaso, não ouvis a lei? Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da mulher escrava e outro da livre. Mas o da escrava nasceu segundo a carne; o da livre, mediante a promessa. Estas coisas são alegóricas; porque estas mulheres são duas alianças; uma, na verdade, se refere ao monte Sinai, que gera para escravidão; esta é Agar. Ora, Agar é o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à Jerusalém atual, que está em escravidão com seus filhos. Mas a Jerusalém lá de cima é livre, a qual é nossa mãe... Vós, porém, irmãos, sois filhos da promessa, como Isaque. Como, porém, outrora, o que nascera segundo a carne perseguia ao que nasceu segundo o Espírito, assim também agora. Contudo, que diz a Escritura? Lança fora a escrava e seu filho, porque de modo algum o filho da escrava será herdeiro com o filho da livre. E, assim, irmãos, somos filhos não da escrava, e sim da livre".

O apóstolo Paulo usa uma alegoria baseada nos dois filhos de Abraão para falar da Aliança Mosaica e a Nova Aliança. Ismael e sua mãe Agar representam o Monte Sinai e a Lei de Moisés. Ismael nasceu segundo a carne. Isaque, por outro lado, é chamado de "filho da promessa" porque seu nascimento era impossível. O filho da promessa nasceu da mulher livre, não da escrava. Este filho representa o Monte Sião e a Nova Jerusalém, o lugar de intimidade e comunhão com Deus (Hb 12.22). Nesta analogia, o apóstolo Paulo expõe que a mulher escrava e seu filho (a Lei dada no Monte Sinai) foram lançados fora para não serem herdeiros juntamente com a mulher livre. Portanto, ninguém jamais herdará o Reino de Deus por meio da Lei. O cristão, como Isaque, é filho da promessa e sua liberdade foi paga pelo sangue de Jesus.

Notas

EFÉSIOS 2.14, 15: "Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derribado a parede da separação que estava no meio, a inimizade, aboliu, na sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem, fazendo a paz". Como foi dito anteriormente, a Lei Mosaica serviu como uma parede de separação entre judeus e gentios. Se ainda estivesse em vigor, a Lei seria um obstáculo aos gentios, mas ela foi derrubada com a morte de Jesus. Isto significa que a Lei foi anulada. Os gentios, por meio da fé, se tornam co-participantes da promessa em Cristo Jesus.

HEBREUS 7.11, 12: "Se, portanto, a perfeição houvera sido mediante o sacerdócio levítico (pois nele baseado o povo recebeu a lei), que necessidade haveria ainda de que se levantasse outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque, e que não fosse contado segundo a ordem de Arão? Pois, quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei". Com a vinda do Messias, há um novo sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque, não segundo a ordem de Arão. A Lei de Moisés proveu a base para o sacerdócio levítico e havia uma conexão inseparável entre a Lei e este sacerdócio. Assim, um novo sacerdócio requereria uma nova lei sob a qual pudesse operar.

O ponto destacado neste texto é que, sob a Lei Mosaica, somente um tipo de sacerdócio era permitido, o sacerdócio levítico. Este sacerdócio não podia trazer a perfeição. Isto é ensinado em Hebreus 9.11 a 10.18 que explica claramente que o sangue de animais não tornava ninguém perfeito; somente o sangue de Cristo pode fazer isso. A Lei Mosaica era a base para o sacerdócio levítico. Para que este sacerdócio fosse anulado e substituído por um novo, o de Melquisedeque, era necessária uma "mudança de lei". Enquanto a Lei de Moisés estivesse em vigor, nenhum outro sacerdócio seria válido exceto o levítico ou araônico. Houve uma mudança de lei? Hebreus 7.18 declara que a Lei de Moisés foi revogada. Porque ela não está mais em vigor, agora há um novo sacerdócio, segundo a ordem de Melquisedeque. Se a Lei ainda estivesse em vigor, Jesus não poderia ser o nosso Sacerdote.

HEBREUS 8.8–13: O autor de Hebreus continua dizendo que a verdade anterior já havia sido antecipada pelos profetas. Nos versos 8–12, ele cita a Nova Aliança anunciada em Jeremias 31.31–34 e depois conclui no verso 13: "Quando ele diz Nova, torna antiquada a primeira. Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido está prestes a desaparecer". Assim, a Lei de Moisés se tornou envelhecida em Jeremias e desapareceu com a morte de Cristo.

Notas

5. A LEI MORAL

O quinto ponto sobre a situação da Lei Mosaica diz respeito à pergunta: "E quanto à lei moral?" Esta também é uma parte da Lei de Moisés que muitos tentam reter e, portanto, concluem que a Lei ainda esteja em vigor. Contudo, a lei moral não é idêntica à Lei de Moisés. A lei moral precedeu a Lei de Moisés. Adão e Eva quebraram a lei moral muito antes de Moisés. Satanás quebrou a lei moral antes de Adão e Eva. A Lei de Moisés compreendia a lei moral, mas não deu origem a ela. Hoje, a lei moral — aquilo que revela os padrões eternos e universais de justiça ou a própria vontade de Deus (a qual é imutável) — é impressa "nas mentes" e escrita "nos corações", por meio da Nova Aliança.

6. A LEI DO ESPÍRITO

A Lei de Moisés foi anulada e os cristãos estão agora debaixo de uma nova lei. Esta nova lei é chamada de "lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus" (Rm 8.2, comp. Gl 5.16–25). Os detalhes deste ponto serão discutidos na Nova Aliança. A lei do Espírito jamais se tornará inoperante.

7. O PRINCÍPIO DA LIBERDADE

Aquele que crê em Cristo está livre da Lei de Moisés. Isto significa que ele está livre da necessidade de guardar qualquer mandamento daquele sistema. Por outro lado, ele também é livre para guardar partes da Lei *se assim o desejar*. A base bíblica para esta liberdade de guardar porções da Lei pode ser vista nas ações de Paulo, que era o grande pregador da liberdade da Lei. O voto que ele fez em Atos 18.18 é baseado em Números 6.1–8. Seu desejo de ir a Jerusalém para o Pentecoste em Atos 20.16 é baseado em Deuteronômio 16.16. A passagem mais forte é Atos 21.17–26, na qual vemos Paulo, o apóstolo da liberdade da Lei, guardando a Lei. O crente é livre da Lei, mas também é livre para guardar partes dela. Assim, se um judeu crente sente a necessidade de abster-se de comer carne de porco, é livre para fazê-lo. O mesmo é verdade para todos os outros mandamentos.

Contudo, há dois perigos que devem ser evitados por qualquer cristão que, voluntariamente, queira observar mandamentos da Lei de Moisés. O primeiro é a ideia de que, ao fazer isso, estará contribuindo para sua própria justificação ou santificação. Isto é falso. O segundo perigo é esperar que outros guardem os mesmos mandamentos que ele decidiu guardar. Isto é igualmente errado e leva ao legalismo. Aquele que exercita sua liberdade para guardar a Lei deve reconhecer e respeitar a liberdade do outro de não a guardar.

Para sumarizar esta seção, a Lei de Moisés consiste de uma complexa teia de instruções, regras e regulamentos. Era um pacote completo que totalizava 613 mandamentos. Todo este conjunto se tornou inoperante. A Lei pode ser usada como uma ferramenta de ensino sobre o padrão de justiça de Deus, bem como sobre a pecaminosidade do homem e sua consequente necessidade de salvação. Pode ser usada para ensinar diversas verdades espirituais sobre Deus e o homem. Pode ser usada para conduzir pessoas a Cristo. Contudo, sua autoridade cessou por completo sobre qualquer indivíduo. Não é mais uma regra de vida para o cristão.

Notas

VI. Aliança da Terra

Diversos livros fazem referência a esta aliança como "Aliança Palestiniana", pois diz respeito à terra conhecida por séculos como Palestina. No entanto, este é um termo inapropriado por duas razões: 1) Palestina foi um nome dado pelo Imperador Romano Adriano após a Segunda Revolta Judaica sob o comando de Bar Kochba (132–135 d.C.). Seu propósito era eliminar qualquer identificação judaica com a terra; 2) Devido aos eventos históricos ocorridos no Oriente Médio na história recente de Israel, o nome é mais associado com árabes do que com judeus. O nome Palestina sequer aparece na Bíblia. Assim, em nosso estudo, vamos nos referir a esta aliança simplesmente como Aliança da Terra.

Textos

DEUTERONÔMIO 28.1–30.20

Embora esta aliança seja encontrada dentro do quinto livro de Moisés, Deuteronômio 29.1 mostra claramente que a Aliança da Terra é distinta da Aliança Mosaica: "São estas as palavras da aliança que o SENHOR ordenou a Moisés que fizesse com os filhos de Israel na terra de Moabe, *além* da aliança que fizera com eles em Horebe".

DEUTERONÔMIO 30.1–10

"Quando, pois, todas estas coisas vierem sobre ti, a bênção e a maldição que pus diante de ti, se te recordares delas entre todas as nações para onde te lançar o SENHOR, teu Deus; e tornares ao SENHOR, teu Deus, tu e teus filhos, de todo o teu coração e de toda a tua alma, e deres ouvidos à sua voz, segundo tudo o que hoje te ordeno, então, o SENHOR, teu Deus, mudará a tua sorte, e se compadecerá de ti, e te ajuntará, de novo, de todos os povos entre os quais te havia espalhado o SENHOR, teu Deus. Ainda que os teus desterrados estejam para a extremidade dos céus, desde aí te ajuntará o SENHOR, teu Deus, e te tomará de lá. O SENHOR, teu Deus, te introduzirá na terra que teus pais possuíram, e a possuirás; e te fará bem e te multiplicará mais do que a teus pais. O SENHOR, teu Deus, circuncidará o teu coração e o coração de tua descendência, para amares o SENHOR, teu Deus, de todo o coração e de toda a tua alma, para que vivas. O SENHOR, teu Deus, porá todas estas maldições sobre os teus inimigos e sobre os teus aborrecedores, que te perseguiram. De novo, pois, darás ouvidos à voz do SENHOR; cumprirás todos os seus mandamentos que hoje te ordeno. O SENHOR, teu Deus, te dará abundância em toda obra das tuas mãos, no fruto do teu ventre, no fruto dos teus animais e no fruto da tua terra e te beneficiará; porquanto o SENHOR tornará a exultar em ti, para te fazer bem, como exultou em teus pais; se deres ouvidos à voz do SENHOR, teu Deus, guardando os seus mandamentos e os seus estatutos, escritos neste Livro da Lei, se te converteres ao SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração e de toda a tua alma".

Notas

Participantes

Esta aliança foi firmada entre Deus e Israel, as mesmas partes da Aliança Mosaica.

Cláusulas

A Aliança da Terra foi feita com os israelitas depois da peregrinação de Israel pelo deserto, por quarenta anos, devido à sua rebeldia. Era, na realidade, uma preparação antes de entrarem na terra prometida e, ao mesmo tempo, uma renovação da Aliança Mosaica. Bênçãos e Maldições são anunciadas (Dt 28).

Oito cláusulas podem ser reunidas:

1. Moisés falou profeticamente sobre a desobediência de Israel à Lei Mosaica e sua subsequente dispersão por todo o mundo (29.2–30.1). Todas as demais cláusulas falam de várias facetas da restauração final de Israel.

2. Israel se arrependerá (30.2).

3. O Senhor se compadecerá e mudará a sorte de Israel (v. 3a).

4. Israel será reunido (vv. 3b, 4).

5. Israel possuirá a terra prometida (v. 5).

6. Israel será regenerado (v. 6).

7. Os inimigos de Israel serão julgados (v. 7).

8. Israel receberá a bênção plena; especificamente, as bênçãos do Reino Messiânico (vv. 8–10).

Importância da Aliança

A importância especial da Aliança da Terra é que ela reafirma o título de propriedade da terra de Canaã para Israel. Ainda que a nação fosse infiel e desobediente, seu direito à terra jamais lhe seria tirado. Além disso, mostra que a Aliança Mosaica condicional não havia anulado a Aliança Abraâmica incondicional. Alguns afirmam que a Aliança Mosaica havia invalidado a Aliança Abraâmica, mas a Aliança da Terra mostra que isso não aconteceu. Na verdade, é uma ampliação da Aliança Abraâmica. Ela amplifica o aspecto da **TERRA** contido naquela aliança, enfatizando a promessa da terra ao povo judeu a despeito de sua incredulidade. A Aliança Abraâmica dá a Israel um título eterno de propriedade da terra, enquanto a Aliança da Terra estipula que a efetiva posse do território, bem como a prosperidade do povo, dependem de sua obediência a Deus.

Notas

Mark Twain, famoso escritor americano que visitou Israel em 1869, escreveu: "Eu não conseguia imaginar um país tão pequeno com uma história tão grande". A terra prometida a Abraão foi a base para o Êxodo do Egito: "Ouvindo Deus o seu gemido, lembrou-se da sua aliança com Abraão, com Isaque e com Jacó" (Êxodo 2.24). Moisés conduziu os descendentes de Abraão para fora do Egito e Josué os fez entrar na terra prometida: "Desta maneira, deu o SENHOR a Israel toda a terra que jurara dar a seus pais; e a possuíram e habitaram nela" (Josué 21.43). No reinado de Salomão, o território de Israel alcançou sua maior extensão nos tempos antigos (1 Rs 4.21–25).

A dispersão ocorreu várias vezes: em 722 a.C., quando os assírios tomaram Samaria; em 597–586 a.C., com a chegada dos babilônios, e no ano 70 d.C. com os romanos. Deuteronômio 28.68 descreve com precisão o que aconteceu no ano 70 d.C. quando Tito destruiu Jerusalém e vendeu os judeus como escravos. A nação ressurgiu em 1948 e hoje habita parte de sua antiga pátria. Um dia glorioso aguarda aquela terra tão conturbada. Os profetas previram que Israel será restaurado como o Jardim do Éden (Ez 36.35), com fertilidade e paz (Am 9.13–15). O surpreendente é que desde os dias de Abraão, Isaque e Jacó, tem havido um remanescente nessa terra, independentemente de quem a ocupou ou governou. Durante milhares de anos, o povo judeu falou a mesma língua hebraica e adorou o mesmo Deus — Jeová. É também significativo que a nação restaurada ainda seja chamada por seu nome original — Israel.

Confirmação da Aliança

A Aliança da Terra recebeu sua confirmação séculos mais tarde em Ezequiel 16. Nesta passagem tão importante com respeito ao relacionamento de Deus com Israel, Deus reafirma seu amor pela nação em sua infância (vv. 1–7). Mais tarde, Israel foi escolhido e se tornou o povo da aliança com Jeová por meio de casamento e, portanto, tornou-se a esposa de Jeová (vv. 8–14). Contudo, Israel agiu como uma prostituta e se tornou culpado de adultério espiritual por causa de sua idolatria (vv. 15–34); por isso, foi necessário puni-lo por meio da dispersão (vv. 35–52). Contudo, esta dispersão não seria definitiva, pois haveria uma restauração futura (vv. 53–63). Houve culpa por violar a Aliança Mosaica (v. 59), mas Deus se lembrará da aliança feita com Israel em sua juventude (v. 60a), a Aliança da Terra, e estabelecerá uma aliança eterna (v. 60b), a Nova Aliança, que resultará na salvação de Israel (vv. 61–63).

Situação da Aliança

A Aliança da Terra, sendo incondicional, ainda está em vigor.

Notas

VII. Aliança Davídica

Textos

Em **2 SAMUEL 7.11B–16**, a ênfase é posta em Salomão: "Também o SENHOR te faz saber que ele, o SENHOR, te fará casa. Quando teus dias se cumprirem e descansares com teus pais, então, farei levantar depois de ti o teu descendente, que procederá de ti, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino. Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho; se vier a transgredir, castigá-lo-ei com varas de homens e com açoites de filhos de homens. Mas a minha misericórdia se não apartará dele, como a retirei de Saul, a quem tirei de diante de ti. Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será estabelecido para sempre".

No segundo registro, **1 CRÔNICAS 17.10B–14**, a ênfase é o Messias: "E também te fiz saber que o SENHOR te edificaria uma casa. Há de ser que, quando teus dias se cumprirem, e tiveres de ir para junto de teus pais, então, farei levantar depois de ti o teu descendente, que será dos teus filhos, e estabelecerei o seu reino. Esse me edificará casa; e eu estabelecerei o seu trono para sempre. Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho; a minha misericórdia não apartarei dele, como a retirei daquele que foi antes de ti. Mas o confirmarei na minha casa e no meu reino para sempre, e o seu trono será estabelecido para sempre".

Participantes

Esta aliança foi feita entre Deus e Davi, que figura como cabeça da Casa e Dinastia Davídica, a única reclamante legítima para o trono de Davi em Jerusalém.

Cláusulas

A Aliança Davídica engloba quatro cláusulas principais. São promessas que dizem respeito a uma casa, um templo, um trono e um reino.

1. UMA CASA. A primeira promessa trata da casa ou dinastia de Davi, seus descendentes de sangue (2 Sm 7.11b, 12). Nada poderia destruir a casa de Davi; esta sempre existiria. Embora desconhecidos, até hoje no mundo judeu existem membros da casa de Davi.

2. UM TEMPLO. Salomão construiria o templo de Deus. Embora Davi tivesse um imenso desejo de construir o templo, suas mãos haviam derramado sangue demais e ele era culpado de um assassinato. Assim, ele foi proibido de construí-lo e esta tarefa ficaria para seu filho, Salomão (2 Sm 7.13a).

3. UM TRONO. A terceira promessa refere-se ao trono (autoridade real) de Davi e Salomão (2 Sm 7. 13b, 16). Um dos filhos de Davi, especificamente Salomão, deveria ser estabelecido no trono depois dele. Absalão e Adonias, dois de seus filhos, tentaram usurpar o trono; mas Salomão foi o filho de Davi escolhido por Deus para a sucessão (1 Rs 1.30). A promessa é que o trono de

Notas

Salomão seria estabelecido para sempre, não a sua descendência. Cristo não era da linhagem de Salomão, que foi cortada em Jeconias (Jr 22.30). Cristo nasceu de Maria, uma descendente direta de Natã, filho de Davi (Lc 3.23–31). José, o pai legal de Jesus, era descendente direto de Salomão, através de quem o trono passaria legalmente a Cristo (Mt 1.6, 16).

Salomão seria disciplinado por desobediência, mas Deus não removeria dele sua misericórdia (2 Sm 7.14, 15). Deus havia removido sua misericórdia de Saul, mas a promessa afirma que ainda que Salomão fosse desobediente e precisasse de disciplina, a misericórdia de Deus nunca se apartaria dele. A palavra *misericórdia* enfatizava a lealdade da aliança. Salomão de fato caiu em idolatria (um dos piores pecados nas Escrituras) e outros pecados. Embora o reino fora retirado da casa de Saul, não o seria da casa de Davi. Isto mostra a natureza de uma aliança incondicional. Salomão esteve sob uma aliança assim, mas Saul não.

4. UM REINO. A quarta promessa diz respeito ao reino de Davi (2 Sm 7.16). Mas esta promessa não garantia que o reino da família Davídica seria ininterrupto. Embora o reino de Davi tenha estado sem efeito por séculos, esta promessa garante sua existência eterna. O reino de Davi será restabelecido quando Deus determinar (At 1.6, 7). Esta promessa garante que nenhuma outra família jamais tomará o lugar da linhagem de Davi como família real em Israel.

Deus promete a Davi três coisas eternas — uma casa, um trono e um reino: "Porém a tua **casa** e o teu **reino** serão firmados para sempre diante de ti; teu **trono** será estabelecido para sempre" (2 Sm 7.16). A eternalidade da casa, do trono e do reino é garantida porque a descendência de Davi culmina em Alguém que é eterno: O Deus-Homem-Messiânico. O Messias viria da descendência de Davi (1 Cr 17.11). A ênfase da passagem de 2 Samuel é Salomão, mas em 1 Crônicas, a ênfase é colocada no Messias. No texto de 1 Crônicas, Deus não está falando que um dos filhos de Davi seria estabelecido no trono para sempre, mas sim o Descendente de um de seus filhos que viria muitos anos mais tarde. Nesta passagem, a própria Pessoa é estabelecida sobre o trono de Davi para sempre, não meramente o trono. Claramente, a ênfase em 1 Crônicas não é Salomão, mas o Messias. É por isso que esta passagem não menciona a possibilidade de pecado como faz o texto de 2 Samuel, porque na Casa do Messias nenhum pecado será possível. O Messias, assim como sua *Casa,* seu *Trono* e seu *Reino* serão estabelecidos *para sempre* (1 Cr 17.12–14).

Importância da Aliança

A importância da Aliança Davídica é que ela amplifica o aspecto da **DESCENDÊNCIA** apresentado na Aliança Abraâmica (Gn 17.7).

A promessa de Deus de dar descendentes a Abraão foi cumprida nos israelitas que saíram do Egito (Ex 32.13). A geração seguinte entrou na terra, tornou-se uma nação e, na época de Salomão, os israelitas eram "numerosos como a areia que está ao pé do mar" (1 Rs 4.20), uma clara referência à Aliança Abraâmica (Gn 22.17). Dentro ou fora da terra prometida, os judeus são sempre considerados os filhos de Abraão (At 3.25). Todo judeu é uma prova viva de que

Notas

Deus ainda mantém a palavra dada a Abraão. Toda tentativa de perseguir ou eliminar a linhagem escolhida de Abraão é um ataque contra Deus e sua aliança eterna. Os profetas anteviram sua futura reunião na terra de Israel, quando eles buscarão a Deus e viverão em segurança (Zc 10.8–12).

Quanto à descendência do Messias, vemos um afunilamento gradual desde o primeiro anúncio de sua vinda, sob a Aliança Adâmica. De acordo com esta aliança, o Messias viria da descendência da mulher, mas isso significava que Ele poderia vir de qualquer parte da humanidade. A Aliança Abraâmica deixou claro que o Messias viria da descendência de Abraão. Isso significava que Ele seria um judeu e poderia vir de qualquer uma das doze tribos de Israel. Com a confirmação desta aliança no tempo de Jacó, o aspecto da descendência ficou limitado à tribo de Judá (Gn 49.10), mas isso ainda permitiria que Ele viesse de qualquer família de Judá. A partir da Aliança Davídica, sabemos que o Messias teria de vir de uma família específica da tribo de Judá — a família de Davi.

Confirmação da Aliança

Embora a expressão Aliança Davídica não seja mencionada nos textos de 2 Samuel 7 e 1 Crônicas 17, outras passagens da Escritura deixam claro que Deus fez uma aliança com Davi: "Não violarei a minha aliança, nem modificarei o que os meus lábios proferiram. Uma vez jurei por minha santidade (e serei eu falso a Davi?): A sua posteridade durará para sempre, e o seu trono, como o sol perante mim. Ele será estabelecido para sempre como a lua e fiel como a testemunha no espaço" (Salmo 89.34–37).

Muitas outras passagens confirmam a aliança imutável de Deus com Davi: 2 Samuel 23.5; Isaías 9.6, 7; Jeremias 23.5, 6; Jr 33.14–17, 20–22; Ezequiel 37.24, 25; Oséias 3.4, 5; Amós 9.11; Lucas 1.30–33.

Situação da Aliança

Deus diz claramente que o cumprimento das promessas feitas na Aliança Davídica não depende de Davi, mas dele. Em todo o Salmo 89, Deus usa os verbos na primeira pessoa para confirmar que Ele, e somente Ele, fará que as promessas da aliança se cumpram. A aliança se baseia na natureza e no caráter de Deus. Portanto, é uma aliança incondicional, imutável e eterna.

Deus disse que faria o nome de Davi grande e lhe daria descanso de todos os seus inimigos (2 Sm 7.9, 11). Essas duas promessas foram literalmente cumpridas enquanto Davi estava vivo. Em segundo lugar, Deus ratificou solenemente esta aliança com um juramento a Davi (Sl 89.3, 4, 35; Sl 132.11) garantindo que todas as cláusulas se cumpririam literalmente. O próprio Davi acreditava que a aliança que Deus fizera com ele se cumpriria literalmente (2 Sm 23.5). Salomão acreditava que as promessas eram literais, especialmente em relação ao trono e ao reino (2 Cr 6.14–17). E o anjo Gabriel confirmou um cumprimento terreno e literal da Aliança Davídica quando anunciou o nascimento de Jesus a Maria (Lc 1.30–33).

Notas

A única restrição nesta aliança diz respeito à punição dos filhos de Davi que o sucederiam, mas a aliança em si nunca seria revogada. Embora a punição tenha interrompido a linhagem real de Davi, desde o cativeiro babilônico até o nascimento do maior Filho de Davi, Jesus Cristo, todas as promessas feitas na aliança foram reafirmadas e serão plenamente cumpridas quando Ele retornar fisicamente à Terra, assumir seu lugar legítimo no trono de Davi e reinar sobre a casa de Jacó para sempre. Esse Reino jamais terá fim.

VIII. A Nova Aliança

Textos

JEREMIAS 31.31–34

"Eis aí vêm dias, diz o SENHOR, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porquanto eles anularam a minha aliança, não obstante eu os haver desposado, diz o SENHOR. Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o SENHOR: Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao SENHOR, porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o SENHOR. Pois perdoarei as suas iniqüidades e dos seus pecados jamais me lembrarei".

EZEQUIEL 36.25–28

"Então, aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis. Habitareis na terra que eu dei a vossos pais; vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus".

1 CORÍNTIOS 11.23–26

"Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim. Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha".

Notas

Participantes

Esta é uma aliança incondicional envolvendo as duas Casas de Israel (Jr 31.31). Não é feita meramente entre Deus e Judá ou entre Deus e Israel, mas inclui as duas Casas de Israel; portanto, inclui toda a nação judaica: os descendentes de Abraão, Isaque e Jacó. Recebe confirmação adicional em outras passagens como Isaías 59.20, 21 (comp. Rm 11. 26, 27); Jeremias 32.40, 41; Ezequiel 37.26–28, dentre outras.

É impossível ler a Bíblia e deixar de ver a centralidade de Israel no plano de redenção que Deus vem desenvolvendo desde o início da história do homem na Terra. No Velho Testamento, não havia confusão; Deus só tinha um povo, um instrumento para chegar aos seus primeiros objetivos: a produção de um Livro com a sua Palavra escrita, o estabelecimento de um modelo visível de seu Reino e a formação de uma nação que pudesse trazer ao mundo o Salvador de toda a humanidade. Qualquer pessoa de outra raça ou origem que quisesse servir ao único Deus verdadeiro teria que fazê-lo através do seu povo escolhido, Israel (como nos casos de Raabe e Rute).

Deus cumpriu a promessa feita sob a Aliança Adâmica (Gn 3.15) e enviou, por meio da nação de Israel, o Messias prometido. No entanto, João diz que Ele "veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (Jo 1.11; comp. At 4.11). Israel rejeitou o Messias e falhou em cumprir sua missão — ser o instrumento de Deus por meio do qual todas as famílias da terra seriam abençoadas, conforme Ele prometera a Abraão (Gn 12.3; comp. Is 43.10; Salmo 67).

A partir da Nova Aliança e, especificamente, do grande pregador do evangelho aos gentios, o apóstolo Paulo, a situação mudou radicalmente. Pedro usou as chaves do Reino para abrir as portas oficialmente aos gentios na casa de Cornélio (At 10.1–11.18). Mas Paulo foi o apóstolo dos gentios (Gl 2.7, 8) que abriu o mistério, escondido há séculos, do grande plano de redenção em que judeus e gentios se tornariam membros de um mesmo corpo, co-participantes das promessas de Deus, e instrumentos para a sua glória na Terra (Rm 11.25; 16.25, 26; Ef 3.1-11; Cl 1.26, 27; 1 Tm 3.16).

Na Bíblia, Israel é Israel, e a Igreja é a Igreja; os dois não devem ser confundidos. É verdade que existe um sentido em que um cristão é um judeu espiritual, ou seja, um verdadeiro judeu. E, também, que a Igreja verdadeira é um tipo de Israel espiritual (Rm 2.28; Gl 6.16). Entretanto, Deus tem planos e promessas específicas para serem cumpridos *por* e *em* ambos. Em relação à salvação, há somente dois grupos: os perdidos e os salvos. Porém, em relação ao futuro e às profecias de Deus, existem três: os judeus, as nações e a Igreja (1 Co 10.32). Os cristãos gentios se tornaram os felizes beneficiários das promessas de Deus, sem que isso implicasse em nenhum prejuízo do completo e final cumprimento das promessas do Reino feitas a Israel, relativas à sua restauração espiritual e física, e a um reinado milenar literal de Cristo na Terra, a partir de Jerusalém.

Notas

No capítulo 11 de Romanos, Paulo ensina que os crentes gentios foram "enxertados" para se tornarem co-participantes "da raiz e da seiva da oliveira" (v. 17). Mas, os ramos naturais, serão enxertados novamente "na sua própria oliveira" (v. 24). E assim, "todo o Israel será salvo" (v. 26). Observe o cumprimento da promessa da Nova Aliança para Israel: "Esta é a minha aliança com eles, quando eu tirar os seus pecados" (v. 27). Esta é uma clara referência ao que acontecerá ao Israel físico depois que houver entrado "a plenitude dos gentios" (v. 25; cf. Zc 12.10, 13.1). O futuro de Israel é certo, juntamente com o cumprimento de múltiplas promessas específicas do Antigo Testamento.

Cláusulas

A Nova Aliança não é meramente uma elaboração adicional à Aliança Mosaica, mas é claramente distinta desta. Ela vem para substituir a Aliança Mosaica que já havia sido anulada pelo povo (Jr 31.32). Enquanto a Aliança Mosaica trazia apenas uma "sombra dos bens vindouros", a Nova Aliança traz "a imagem real das coisas" (Hb 10.1).

1. Regeneração (Jr 31.33a; Ez 36.26). Esta aliança começa no interior, no coração do homem. As leis de Deus serão escritas no coração. Deus promete mudar a estrutura interior do homem e dar a ele um novo coração e um novo espírito (este é o novo nascimento – Jo 3.3). Na Nova Aliança há uma nova criação e um novo homem (2 Co 5.17; Ef 2.15; Cl 3.9, 10).

2. Relacionamento com Deus (Jr 31.33b, 34a). Deus promete pertencimento e o conhecimento pessoal dEle. Na Nova Aliança há um novo e vivo caminho para a presença de Deus (Hb 10.16–22, compare Ex 19.12). Não há mais necessidade do sacerdócio levítico. Cristo é "Mediador de superior aliança" (Hb 8.6) e o nosso Sumo Sacerdote "segundo a ordem de Melquisedeque" (Hb 5.10).

3. Purificação, não cobertura (Jr 31.34b). A Nova Aliança fará exatamente o que a Aliança Mosaica não foi capaz de fazer. Os pecados serão apagados e esquecidos, não simplesmente cobertos.

4. Habitação interior do Espírito Santo (Ez 36.27). A Aliança Mosaica não provia a habitação do Espírito Santo; este não era seu propósito. Por esta razão, o povo não tinha o poder necessário para cumprir as exigências da Lei. Mas, na Nova Aliança, cada indivíduo será capacitado pelo Espírito a fazer a vontade de Deus.

Notas

Entrando em Aliança com Deus

A Nova Aliança amplifica o aspecto da **BÊNÇÃO** apresentado na Aliança Abraâmica (Gn 12.3b), especialmente com respeito à salvação. Vimos que no início da criação Deus buscou comunhão, um relacionamento pessoal com o homem, mas este se recusou a permanecer sob o governo de Deus. Como aquele relacionamento pode ser restaurado? Como o próprio homem pode ser restaurado? Como ele pode reconciliar-se com Deus e entrar em aliança com Ele?

1. ARREPENDIMENTO E FÉ. O homem quebrou a Aliança Edênica e decidiu seguir seu próprio caminho. Isaías 53.6 diz: "Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho" (NVI). Paulo diz que todos, sem exceção, estão "destituídos da glória de Deus" (Rm 3.23). Por esta razão, a fim de entrar em aliança com Deus, o homem precisa se arrepender. Jesus afirmou por duas vezes seguidas: "Se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis" (Lc 13.3, 5). Arrependimento é ordem de Deus para "todo homem" (At 17.30).

Contudo, ao pecador arrependido, Deus se torna "justo e justificador daquele que tem fé em Jesus" (Rm 3.26). Por meio da fé, a justiça de Deus nos é imputada (creditada). Abraão "creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça" (ver Gn 15.6; Is 61.10; Hc 2.4; Rm 1.17; Rm 3.21–4.1–25; Rm 10.8–10; 2 Co 5.21; Gl 3.11; Ef 2.8, 9; Hb 10.38). O evangelho é o poder de Deus para a salvação "de todo aquele que crê" (Rm 1.16).

2. O MILAGRE DO NOVO NASCIMENTO. Em João 3.3, vemos o cumprimento de Ezequiel 36.26: "Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo...". O homem não poderá chegar ao céu em seu estado de morte espiritual; ele precisa nascer de novo para ter vida espiritual. Jesus disse que Ele é a própria vida (Jo 14.6; Jo 11.25, 26). Aquele que se arrepende e confia em Cristo nasce de novo, isto é, é regenerado "não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente" (1 Pe 1.23). Quando a semente da Palavra de Deus cai em boa terra (Lc 8.11), Deus opera este "lavar regenerador e renovador do Espírito Santo" (Tito 3.5–7).

3. BATISMO. Em Cl 2.11, 12, Paulo faz um paralelo entre a circuncisão do A.T. e o batismo no N.T.: "Nele, também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos, mas no despojamento do corpo da carne, que é a **circuncisão de Cristo**, tendo sido sepultados, juntamente com ele, no batismo, no qual igualmente fostes ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos". Mesmo sob a Aliança Mosaica, Deus advertiu o povo contra a mera circuncisão da carne, que não era acompanhada de uma fé obediente aos compromissos da aliança (Dt 10.16; Dt 30.6; comp. Jr 4.4).

Notas

O batismo é um sinal, um símbolo, e não a substância essencial da salvação. No batismo, a água é conhecida como símbolo de purificação (1 Pe 3.20b, 21; Ef 5.26, 27), contudo, a água em si não salva, não liberta e nem purifica o homem de seu pecado, mas aponta para a obra do Espírito Santo em seu interior. Assim, o batismo, sem a obra regeneradora do Espírito Santo, torna-se um mero rito, espúrio e ineficaz.

4. BATISMO NO ESPÍRITO SANTO. "Para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido" (Gálatas 3.14). Jesus declarou que todo aquele que viesse a crer nele teria dentro de si uma fonte, fluindo para a vida eterna. Ele disse isso se referindo ao "Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado" (Jo 7.37–39). Depois de ser glorificado junto ao Pai, Jesus começou a batizar seus discípulos com o Espírito Santo no dia de Pentecoste (At 1.4, 5). Pedro explicou ao povo que aquilo era cumprimento da profecia de Joel (Atos 2.16-21; comp. Joel 2.28–32), e concluiu sua mensagem dizendo: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo" (At 2.38).

5. A LEI DO ESPÍRITO. "Pois, quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei" (Hb 7.12). Na Nova Aliança, a lei que deve governar o homem é a "lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus" (Rm 8.2, comp. Gl 5.16–25). Aquele que está "em Cristo" é uma nova criatura (nova criação) e as coisas velhas, boas ou más, já passaram (2 Co 5.17). De fato, aquele que está em Cristo, aos olhos de Deus (segundo a visão jurídica celestial), morreu e agora vive em ressurreição. Quem morreu está desobrigado de guardar qualquer lei que seja, pois a lei foi decretada para os que vivem (Rm 7.1). Concluímos então que, vivendo em ressurreição, recebemos diretamente de Cristo seu mandamento vivo, por meio do seu Espírito que nos guia. Sua lei viva, gravada em nossas mentes, pulsa em nossos corações a cada instante. Não na forma de letras impressas ou entalhadas em pedras, mas num constante falar do Espírito Santo ao nosso coração, nos dizendo a cada momento qual deve ser a nossa atitude em cada situação. É o que Paulo chama de "andar no Espírito", "ser guiado pelo Espírito", "viver no Espírito".

Numa maravilhosa passagem bíblica – **2 CORÍNTIOS 3.3–18** – Paulo esclarece sobre esta lei viva da liberdade no Espírito mostrando como ela substitui a Aliança Mosaica e a velha Lei escrita na pedra, o "ministério da condenação e da morte". Paulo nos conduz até nos fazer ver que a liberdade onde entramos por meio do Espírito se refere a contemplar a Cristo, de modo espiritual, constantemente, ao ponto de sermos transformados, mudados, dia após dia, sendo transformados interiormente mediante este contemplar em fé.

Notas

Paulo caminha desde o que era antes (letras, véus, ministérios humanos, capacidades humanas) até o que é agora (contemplar a Cristo, ter liberdade no Espírito, não ser capaz sequer de pensar algo como se procedesse de nós mesmos, mas aguardar perante a face de Cristo a suficiência, a capacitação que vem de Deus), e conclui dizendo: "Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade. E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (vv. 17, 18). Na Nova Aliança, a imagem de Deus que havia no homem enquanto ele esteve sob a Aliança Edênica, pode ser restaurada.

6. O SINAL DA ALIANÇA. A Nova Aliança foi instituída no cenáculo, com a Ceia do Senhor (Mt 26.26–28). Ao celebrar a Ceia, nos lembramos da morte do Senhor e nos preparamos para a sua vinda. Os elementos são os mesmos trazidos por Melquisedeque a Abraão em Gn 14.18. O pão representa o corpo do Cordeiro de Deus que foi esmagado por nós. O fruto da videira representa o sacrifício de sangue que fluiu pelo "corte da aliança". Ao tomar estes elementos, o homem está dizendo: "Pai, eu aceito livremente a circuncisão do meu coração e o meu relacionamento de aliança contigo".

A Nova Aliança entrou em vigor quando Jesus morreu na cruz por nossos pecados e ressuscitou ao terceiro dia. O sangue de Cristo ratificou, marcou e selou a Nova Aliança (Hb 8.1–10, 18). Por meio do corpo e do sangue de Cristo o homem é vivificado em seu espírito (Ef 2.1) e recebe vida eterna: "Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue permanece em mim, e eu, nele. Assim como o Pai, que vive, me enviou, e igualmente eu vivo pelo Pai, também quem de mim se alimenta por mim viverá" (João 6.53–57).

7. O DESCANSO. Colossenses 2.16, 17 mostra que o mandamento do Sábado, dentre outros, era uma sombra do que haveria de vir. Hebreus 4.1–11 fala de um significado espiritual para o Sábado, que também é ligado à terra prometida. Ambos falam de um descanso espiritual. O verso 3 diz que entramos no descanso quando cremos em Deus. Este descanso não é apenas guardar um dia por semana, pois este era apenas um sinal, uma figura do que viria na Nova Aliança. Não foi cumprido tampouco quando o povo conquistou a terra prometida, embora representasse descanso da escravidão no Egito, da peregrinação no deserto e dos inimigos. Mas, "resta um repouso para o povo de Deus" (v. 9).

O descanso para nós representa nosso alvo final como cristãos de alcançar a Nova Jerusalém, novos céus e nova terra onde habita a justiça (2 Pe 3.13; Ap 14.13), e onde teremos descanso de nossa peregrinação neste mundo de corpos físicos limitados e de tantos ataques do inimigo. Mas também representa o descanso que é nosso pela obra de Cristo na cruz, que nos libertou da escravidão do pecado, da Lei, da força da carne, e que é nosso direito quando cremos em

Notas

Jesus e recebemos o Espírito da vida (Rm 7 e 8). Em outras palavras, alcançar o que Deus tem para nós depende de crer e continuar crendo em Jesus, ouvir sua voz e permanecer em comunhão com Ele (Jo 15.5). A revelação plena da obra de Cristo que na cruz exclamou "está consumado" é que nos leva a experimentar o descanso de Deus. Assim como Deus descansou no sétimo dia porque não havia mais nada para fazer, assim também nós descansamos em Jesus, pois Ele é a nossa justiça e consumou tudo na cruz satisfazendo plenamente a vontade do Pai. Na Nova Aliança, o Sábado não é um dia da semana e sim sete dias por semana experimentando o descanso de Deus.

8. O CASAMENTO. A Bíblia começa e termina com casamento. No princípio, toda a criação de Deus foi boa, menos o fato de o homem estar só (Gn 2.18). Deus não fez Eva do pó da terra, mas tirou-a do próprio lado de Adão, para que lhe fosse compatível e harmoniosa. A Igreja é a noiva de Cristo (2 Co 11.2; Ef 5.32). Podemos dizer que a Igreja foi tirada do lado de Jesus, pois quando lhe traspassaram, saíram água e sangue do seu lado (Jo 19.34), que representam a palavra e o sangue que nos dão vida. Nossa vida provém de comer a sua carne e beber o seu sangue (Jo 6.54–57). Na consumação de tudo, haverá um casamento maravilhoso, as "bodas do Cordeiro" (Ap 19.9; 21.9).

Agora somos o corpo de Cristo (1 Co 12.27), mas isto é pela fé, pois a nossa união com Ele ainda não foi consumada. Para ser um só corpo com o nosso Noivo, em realidade, é só depois do casamento. Agora estamos ligados com Ele no Espírito que está nos preparando como noiva para aquele dia. O casamento será o dia da glorificação dos nossos corpos, a manifestação visível do novo homem e a união permanente com o nosso Cabeça. É importante saber o que podemos experimentar agora pela fé, como corpo de Cristo, e o que só virá depois do casamento. Isto nos dará ousadia para tomar posse de tudo que está ao nosso alcance agora, mas gerará expectativa e ansiedade para a sua volta.

Agora somos filhos de Deus, mas "ainda não se manifestou o que haveremos de ser" (1 Jo 3.2, 3). Podemos ter vitória sobre o pecado (Rm 6.14), ter as primícias da nossa herança (Ef 1.13, 14), e experimentar o poder da sua ressurreição (Ef 1.19, 20). A Igreja tem experimentado e continuará a experimentar tempos de refrigério e avivamento (At 3.20). Porém, a glorificação dos nossos corpos, a paz no mundo e a libertação da criação só virão com a volta de Jesus (1 Co 15.51, 52; Zc 14.9; Rm 8.18–25; Ap 11.15). O nosso desafio presente é nos apropriar de tudo que Deus nos ofereceu em Cristo em sua primeira vinda, a fim de estarmos preparados para a segunda.

Situação da Aliança

No que diz respeito à Igreja, a Nova Aliança é a base para a **DISPENSAÇÃO DA GRAÇA**. Com relação a Israel, a Nova Aliança é a base para a **DISPENSAÇÃO DO REINO**. A Nova Aliança é uma aliança incondicional e, portanto, eternamente em vigor.

Notas

Conclusão

Como vimos em nosso estudo, Deus é um Deus de alianças. A história do plano de Deus, do início ao fim, é uma história de comunhão, aliança e casamento. Deus não quer ter comunhão de vez em quando. Ele quer andar e habitar com o seu povo numa morada permanente. Todas as alianças de Deus na Bíblia podem ser vistas como passos para chegar a este alvo final que é união, casamento e comunhão permanente entre Deus e o homem.

Deus nunca mudou seu alvo. Ele quer casar-se com seu povo. Mas para isso Ele precisa desenvolver um relacionamento de amor, precisa atrair e conquistar seu povo para si. Este relacionamento envolve crises, ajustamentos e mudanças. Deus trata conosco como filhos que crescem e que precisam de coisas diferentes em épocas diferentes. Deus é um Deus de misericórdia, mas também de severidade e disciplina, que visita a iniquidade e julga retamente. Precisamos de amor, mas precisamos de disciplina também.

Por isso há alianças mais negativas, com mais disciplina e condenação. Em outras, há mais graça e misericórdia. Elas representam as várias épocas da história e a forma como Deus estabeleceu condições para andar e conversar com seu povo naquela época específica. Não foi como se Deus quisesse experimentar vários tipos de relacionamentos, ou como se Ele estivesse fracassando em seus propósitos e passando a tentar outro plano. Antes, representavam os passos e ajustamentos que Deus fez na jornada progressiva para o seu alvo final. Deus colocou diante de si um alvo difícil — mas Ele irá alcançá-lo!

Referências Bibliográficas

Arnold G. Fruchtenbaum. THE EIGHT COVENANTS OF THE BIBLE (AS OITO ALIANÇAS DA BÍBLIA). Ariel Ministries, 2005.

Benny Hinn. SANGUE NA AREIA. Editora Vida. 1ª Edição, 2010.

John Walker. AS SETE ALIANÇAS. Impacto Publicações. 1ª Edição, 1988.

Mark Shubert. TRAZENDO LUZ À LEI. Editora Knaan, 1ª Edição, 2010.

Pablo Hoff. O PENTATEUCO. Editora Vida, 1978.

Ray Comfort. BÍBLIA DE ESTUDO EVANGELISMO EM AÇÃO. Editora Vida, 2005.

William L. Krewson, Peter Colón, David M. Levy, David L. Larsen. ALIANÇAS BÍBLICAS: ENTENDENDO A AÇÃO DIVINA NA HISTÓRIA. Actual Edições, 2005.

WWW.CHAMADA.COM.BR

WWW.REVISTAIMPACTO.COM.BR

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Versão Almeida Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil, exceto quanto indicado.